

Vilhena (RO), 12 maio 88

Vincent,

Aí vai finalmente a resposta dos Nambikwara àquela matéria do "E. Minas". Está pronta há tempo, mas as loucuras daqui nos atrapalharam de arrematar as coisas e enviá-la logo. Esta matéria, na verdade, é um apombado de vários depoimentos dos índios, e estamos enviando para pessoas e entidades no Brasil e fora dele que têm interesse na questão indígena e na ecologia. A matéria vem precedida de uma carta enfocando o problema sobretudo pelo prisma ecológico; a gente gostaria que vocês aí divulgassem ao máximo (não temos aqui facilidades de xerox, nem de correio, nem de nada). Oto é matéria propriamente dita, o ideal é que saísse na imprensa; neste caso, não é bom que apareça assinada por mim (ainda faço parte dos quadros da FUNAI...), mas pelo Grupo Cururu; na verdade, sou jornalista (reg. prof. 2.921-MG), e ~~posso~~ tenho um pseudônimo que pode ser usado (se necessário): Joaminha Savião. Você vê aí o que pode ser feito. Estamos a fim de desencadear uma espécie de campanha jogando o máximo de informações e propondo sempre o apoio ao índio aliado à defesa da ecologia. Agora aqui a Funai dançou de vez, eu fui transferida, o Tó Neto está proibido de entrar na área, um horror. A velha Funai... Está na hora de ficar entucando e publicando

Tudo que se puder.

Qualquer coisa, você pode se comunicar com a gente pelo telefone da Gijie do Marcelo; e também vou te deixar o tel. e o endereço do Zé Neto em BH (se deve estar indo pra lá' esses dias): (031) 463-0785 - R. Amianto 446 - Sta Tereza - Cap 31010 BH - MG.

Um abraço,

Vanessa

[NAMBIKWARA E A ECOLOGIA: COMENTÁRIOS SOBRE MATÉRIA PUBLICADA NO "ESTADO DE MINAS" DE 23/03/88]

CEDI - P. I. B.  
 DATA 12/09/88  
 COD. NAD 0079

Era noite na aldeia, e os Nambikwara estavam todos reunidos; a notícia da chegada de um jornal de Minas que falava deles havia atraído todos os chefes de família das aldeias espalhadas pela área. Ouvindo a leitura do jornal, mulheres e crianças também faziam perguntas; e a matéria do "Estado de Minas" de 23/03/88 foi lida, interpretada e comentada por toda uma longa noite, na aldeia: "A HISTÓRIA DE UM DEPÓSITO DE 15 TONELADAS DE OURO QUE PODE EXPLODIR A QUALQUER HORA".

Depois de muito conversar, os índios resolveram responder às coisas que estão ditas no jornal; especialmente aos argumentos de NILSON PAULO PIOVEZAN, o "Seu Nenem" da cidade de Comodoro/MT, que quer a todo custo barganhar um jeito de entrar na área indígena, seja arrendando para plantar soja, seja falando de um hipotético tesouro enterrado no tempo do Marechal Rondon. E, para isso, o seu Nenem não mede esforços; utiliza a velha tática de dar presentinhos aos índios - velha como Cabral... - , aproveita-se de alguma dissensão interna, corre a prestar pequenos favores a um ou outro índio de passagem pela cidade. Vendo pelas palavras do jornal as intenções bem claras do jeitoso Seu Nenem, os Nambikwara resolveram responder; ligaram um gravador e foram, um a um, falando com a máquina como se falassem diretamente com o homem. A intenção dos índios era que sua palavra fosse também escutada e divulgada na mesma medida que as palavras de seu oponente, e de uma maneira clara, sem falsear.

Usando o moderno recurso do gravador, os índios deram seu recado; falaram de sua história passada (o contato foi feito ainda este século e, como sempre, é um longo rosário de mortes e perdas), se apresentaram - o que é ser Nambikwara -, explicaram como é o uso que fazem da terra e perguntaram quem, afinal, é o dono verdadeiro da grande barriga escura que chamamos terra; lembraram fatos passados recentemente em seus contatos com os brancos e especificamente com Seu Nenem, mandaram recados e deram sua posição firme: não vão entregar nem um milímetro da terra.

que, nesta guerra de extermínio que ainda não acabou, sobrou para eles. Sob nenhum pretexto. E explicam porquê.

### Quem pode ser dono da Grande Mãe Terra?

Um dos argumentos mais usados por quem cobiça terra indígena é o uso que os índios fazem do solo. Aqui os Nambikwara explicam seu conceito de ocupação da terra, tentando "educar os brancos", como eles gostam de dizer, lembrando argumentos que poderiam estar saindo da boca do mais alto representante do Partido Verde Alemão, e talvez ainda assim não tivessem a sabedoria milenar e vivida cotidianamente que as palavras dos índios contêm.

Fuado, grande chefe dos Halotesu, Wakalitesu e Sawentesu (grupos Nambikwara do Campo), explica porque ninguém pode se dizer dono verdadeiro da terra:

"Não é terra do governo nem fábrica, presidente também nem fábrica um grama de terra, nem árvore - é nativa! Na água. Dizer pra mim algum branco: "essa terra é do governo", governo, governo, governo, eu tô esperando pra ser fazer pra só comer terra do governo. Então esperando nunca vi (governo) plantar árvore bom de fruta doce".

E ironiza:

"Se fosse terra minha mesmo dá de fazer; qualquer árvore, eu vou falar: 'ô árvore, ocê pode ficar fruta bem doce. Ô rio, esse rio pode ficar doce como a açúcar, eu vontade tomar'. Um pedaço de terra: "ô terra, terra ficar bem cheio de comida boa, eu vontade comer!"

Dessa maneira, compreendendo que ninguém é dono da terra, mas ela é a fonte de toda subsistência e é generosa pra quem a conhece, continua:

"Sabe por que não acabar terra bem virgem, bem madeira em pé, sabe por que não acaba? Não quer acabar natureza! Eu não quer acabar madeira, eu não quer acabar terra, porque gente que tá (vivendo nela). O antigamente desse jeito, por isso eu continua".

Os Nambikwara sabem que não somos só nós, os homens, que temos o direito e o privilégio de viver sobre a terra, mas que os animais e as plantas nativas também fazem parte desse mundo, um mundo que a loucura dos brancos está devastando rapidamente. Quem conheceu Rondônia e o oeste do Mato Grosso dez anos atrás, e vê hoje, não acredita. Os índios são os últimos guardiões do que ainda resta de um ecossistema violentamente adulterado, de uma maneira estúpida, selvagem e sem planejamento nenhum a não ser o lucro fácil e rápido.

"Precisa viver as gentes, precisa viver os animals, precisa vi ver a terra para ficar, para não mexer". (Orivaldo Feliciano Nambikwara)

"Índio precisa de viver também, porque mandioca não vive, porque formiga não come folha? Tem tuda as coisa os bichinho eles come, car regador (formiga), abelha, tem tudo a coisa a gente precisa comer. Agora, o branco, ele também come, por que não tem boca, será? Bom, tem boca sim, ele tem barriga, <sup>ele encher barriga,</sup> depois por causa disso ele precisa de um terreno grande para arrendamento das fazenda. Porque nós temos aqui na aldeia um pedaço como uma caixinha de fósforo, tem muita gente aqui, será que nós não podemos viver, Seu Nenem? Sim, tem de viver índio também, mandioca também viver também. Nós precisamos da madeira, nós precisamos de folha, porque se vocês botaram as máquina, se acabaram terreno". (João Maxixe Nambikwara).

"Eu não tem máquina fazer como branco. Um trechinho de roça que eu tô ficando em volta da aldeia, o quê que aguenta, quantidade que aguenta que vai fazer, na mão, não fazer muito ocupar a terra. Tem que acabar de uma vez botar máquina, madeira, tirar dessa madeira, fazer agrícola, soja aí, duma vez, como que nós vão viver no futuro? Acaba, acaba. Aonde que vai comer? Durante esse trabalho com lavoura, eu tô vendendo vigia terra de fazenda tudo, durante só carregar quatro ano, virar ca pim. Será aduba mais vai ficar como aquele começo, com soja, arroz, acho que não dá não. Adubar, planta, passar chuva, carregar pro fundo, a terra dele fica fraca. Só virar como campo limpo. Aí secou todo mundão, como que vai viver? (Fuado Bawentesu Nambikwara)

#### A ocupação do território Nambikwara e o confinamento na reserva

Os Nambikwara sempre viveram na vasta região dos campos, cerrados e matas que cobriam todo o oeste de Mato Grosso e parte de Rondônia, limitando-se com os Pareci ao leste, com os Suruí e Cinta Larga a oeste e com os Múinky e os Salumã ao norte. A partir da passagem do Marechal Rondon, no início do século, a região foi sendo escancarada primeiro pelos seringueiros, depois pelos madeireiros, e criadores e garimpeiros e por toda sorte de aventureiros que a política de expansão para o oeste jogou

~~toda sorte de aventureiros que a política de expansão para o oeste jogou~~  
desordenadamente, vindos de todos os cantos do país e sempre com a ilusão  
do Eldorado, sobre áreas povoadas imemorialmente por diferentes povos in-  
dígenas. O resultado é já velho conhecido: um saldo assustador de mortes  
nas aldeias, uma série infundável de sacanagens e violências, e a pior  
parte do que se pode chamar "civilização ocidental" tomando de assalto e  
desestruturando culturas antiquíssimas.

No caso dos vários grupos Nambikwara do campo, em 1973 tiveram  
sua reserva delimitada, demarcada em 1985, numa barganha em que ficaram  
de fora a maior parte de suas terras tradicionais. O rápido e desordena-  
do "desenvolvimento" que se vê hoje por estas bandas, cidades que nascem  
da noite pro dia, especulações de toda sorte e comportamentos de faroes-  
te, típicos de "lugar sem lei", são apenas um capítulo recentíssimo na his-  
tória dos lugares que os índios conhecem como a palma da mão. Cabeceiras,  
pedras, lugares sagrados, vão se transformando em ruas poeirentas, bombas  
de gasolina e botecos. A ~~cidade~~ pequena cidade do Comodoro é apenas um  
exemplo, mas o exemplo que agora quer ameaçar os Nambikwara. Eles, paci-  
entemente, retomam a memória desde o início, tentando ensinar a arte de  
não esquecer o passado a esses brancos filhos de um país que parece que-  
rer, justamente, não ter memória.

"~~Taxxniixxxgntixxixxniixxixndix~~

"Era assim, quando eu tava pequeno, é muita coisa que aconteci-  
mento. Eu vou contar. Aqui, até em 1950, pra/diante, em 40, não tinha a-  
contecido. Tem muita gente, tem muitos índio. Uma parte de rio Juruena,  
uma parte do rio Alto Formiga, e mais. Eu morava abaixo do Alto Formiga.  
Porque ali é uma área grande, porque lá tem muita gente que invadiu. Em  
fazenda em fazenda; e lá no pé do Utiariti tinha lugar virgem, lá eu co-  
nhece, eu conhece bem mesmo. Eu vou contar esse sofrimento uma história  
que aconteceu vinte anos atrás. Porque eu tava lá, tem uns colega nosso  
que avisou a antropólogo, chama-se o David Price, ele foi lá e trouxe, con-  
vida nós: 'assim, vocês não mora mais aqui nessa área porque essa área  
aqui vai ser invadido daí a pouco'. Então vai a decreta, em sessenta e o-  
ito, aqui na área do Serra Azul. Tá bom. Eu mudei em sessenta e um. Lá  
é uma área grande, entre Juruena e rio Papagaio, uma parte é rio Sapezal,

...ali é meu povo que morava lá. Porque naquele tempo invadiram as bomba atômica, por que? Inveja da terra de índio. Agora Seu Nenem inveja de vi ver dentro da área; não senhor. No tempo do início das fazenda, não chegou pediu os índio, não chegou pediu os dono da terra. Só chegaram fazendo".(João Maxixe)

"Eu tô vendo jornal, tá querendo invadir terra dos Nambikwara, assim eu não aceita. Não pode. Sabe quem é culpado? É governo. Desde o início de começo da FUNAI, de governo, não devia demarcar, deixar separa do assim mesmo o jeito de antigamente, mais tarde desse jeito não tem pe rigo. Porque não sei demarcação, eu não sei sei reserva, parece terra é terra, né. Assim, mais fácil. E agora? Governo culpado, demarcação pro ín dio, mais tarde Governo mesmo chorar terra demarcado, assim não pode. Pra que demarcado? Resto da terra já tomar fazendeiro já. O que sobra, terra minha, não é terra pra ninguém pro branco não".(Fuado)

"Aí, o primeiro, primeira vez aqui na BR, eu não conhece não. Eu não conhece, é só mata tudo virgem. Hoje em dia, já acabaram terra do índio, quase apertou, já apertaram. Por isso eu não quero soltar mais m não".(Herdo Halotesu Nambikwara)

"Seu Nenem tá querendo fazer arrendamento na beira do Chefão. Porque antigamente era Chefão, era Comodoro, era Alvorada, era Cofap, era Vale Guaporé, tudo área indígena. Ainda sobrou pequena terra para eles, os índios Manairisu, do Guaporé; eles ganharam reserva indígena só pedaços, o resto da terra arrentaram os criadores, os fazendeiros do Guaporé. Qualquer hora os madeireiros, os garimpeiros, quiser invadir as terras deles, vai ter muito problema. Muito perigo".(Orivaldo)

Todos os lugares citados pelo índio Orivaldo são hoje pequenos lugarejos ou grandes fazendas que, nos últimos dez anos, invadiram a região, muda não a geografia e dando denominações novas a antigos lugares que os índios sempre conheceram e usaram.

### "Sou índio Nambikwara"

"Esse é Erdo Nambikwara, eu mora aqui no Água Verde. Eu sou fi- lho do Nambikwara, eu sou filho do índio. Minha mãe não é de branco, minha pai não é de branco, é Nambikwara, índio mesmo. Eu sou também, eu sou ín- dio. Por isso, eu não quero pra tomar café direto, eu não come arroz não. Eu come um carne de boi, não era gostoso não. Farinha de mandioca, eu comeu, né, porque não era gostoso não. Eu tô costuma da minha vida. Eu costuma fazer

massa,relar massa,assa no chão;o bicho do mato,eu matar veado,seriema,anta,queixada,eu comeu no mato o bicho do mato,eu comer costuma.Porque carne de galinha,carne de porco,carne de boi,carne de peru,comeu,já experimentei.Não era gostoso não.O branco já acostumaram tudo carne de boi,carne de galinha,costuma.Não era igual não,diferente.O vida do índio diferente.Diferente mesmo.Não brinca essa vida não.Por isso eu não quer pra esquecer vida do índio,por isso eu não quero pra acabar essa terra do indígena.Minha mulher,o velho,não costuma com carne de boi,ele não costuma.O índio mesmo não tem polícia,nem advogado,não tinha nada.Qualquer,qualquer um dele,os índio mesmo,se vira para a política.Política,advogado,como igual.O branco faz muito diferente,então o índio também diferente,pra fazer,pra brigar,pra matar gente.Branco tem muito,o branco.Índio o pouco,né;porque quero viver,pra aumentar as criançada.Eu quero terra também,pra comer alguma coisa,plantação,mandioca,cará,eu precisa,precisa mesmo.Só o branco precisa não,índio também precisa.Índio também precisa qualquer jeito.Eu come tucura,eu comer lagartixa,eu comer tatu,eu comer macaco,eu comer cobra,eu comer jacu,qualquer jeito eu come.Por isso,ah,eu não quero soltar terra na vida do índio,eu não quero soltar terra pra entregar branco não.Por isso só tem essa palavra.Quando eu soltaram flecha de veneno,quando entra aqui fazendeiro terra do indígena,não brinca não.Já experimentei.Já conseguiu.Daqui uns cinco mês passado fez,experimentar flecha de veneno.Quando completar fazendeiro aqui no área do indígena,uma flecha pra flechar um pessoa,pra matar pra flechar um beliscadinha,quando uma beliscadinha,nem hospital,nem farmácia,não cura.Quando cê ficou bem amarelo,flecha nele beliscadinha,então fica amarelo;quando até o índio também tá brigar uma aldeia pra matar,fazer guerra assim,uma gente que beliscadinha,uma aldeia eles acaba tudo.Como igual.Igual.Eu fez flecha de veneno pra fazer aqui no Comodoro,Seu Nenem,se manda flecha Seu Nenem,então lá Comodoro ele acaba logo!A flecha de veneno não brinca com Nambikwara não.Não facilita!Tá pensando cabeça de Seu Nenem o índio é bobo.Não.Índio também não é bobo não.O branco também não é bobo.Eu faz estudo direto só.Eu faz assim".(Erdo)

No mesmo tom,explicando pros brancos que aqui moram índios e que vivem de outra maneira,João Maxixe fala: "Tem índio,vive natureza as

sim mesmo, faz fogo, comer calango, lagarto, sapo, cobra, sucuri, jacaré. Alimentação de índio, naturais. Pode deitar no chão, faz fogo; o branco também faz fogo, quando tempo de frio, mês de junho, ocês eu conhece na vida de branco, então ocês faz lá, tomando cachaça, é muito caxibrini que ocê usou, ocê lá faz fogueira, São João, não sei, tem muito complicado. Os índio não, faz fogo, nem que seja tem cobertor, antiga não tem cobertor, então em vez de usar cobertor faz fogo, na beira do fogo dorme. No mesmo fogo, cozinha e assa carne. Então você, Seu Nenem, ocê não precisa de cozinhar não? Então ocê não precisa de fósforo? Se o senhor não precisa cozinhar água, não cozinha, então come cru".

E asx diferenças são muitas, não apenas na forma de alimentação ou no jeito de dormir. Os Nambikwara são profundos conhecedores do cerrado, de onde retira m há séculos sua sobrevivência; e suas roças são pequenas, "de toco", não exaurindo a terra e produzindo uma grande variedade de batatas, diversos tipos de milho e de mandioca, tudo adaptado e aclimatado há inúmeras gerações, produzindo sem necessidade de fertilizantes e sem perspectivas de excedente, já que nem a exportação nem o acúmulo entram em seus planos. Exímios coletores e caçadores, vivem em diferentes agrupamentos semi-nômades dominando uma região que conhecem palmo a palmo, deslocando-se conforme a época do ano para buscar frutas, raízes, ou para caçar e pescar. Sua economia é voltada para a subsistência, e mesmo após esses anos de contato necessitam do comércio com os brancos o mínimo, e conseguem também pa ssa r sem esse mínimo.

As diferenças continuam ainda em outros planos, como no relacionamento entre as pessoas, entre os membros de uma família, a maneira de criar filhos - tudo isso relações carinhosas e solidárias - e também no plano do desenvolvimento espiritual, que é tão importante e cotidianamente vivido pelos Nambikwara como a procura de comida a cada dia.

#### Recados para os brancos

"Eu vi tanta gente diz tá querendo terra do índio. Qualquer lugar. É fazendeiro, garimpeiro, madeireiro. Eu costuma de viajar longe, qualquer lugar. Eu sei todo lugar. Eu vi, não tá muito como ficar lata de sardinha não. Eu tô vendo estrada. Tem muito sobra de pedaço da terra. Quem gente vem de longe, paulista, carioca, mineiro, por aí, bom de ficar lá. Eu tô vendo, tem muito lugar virgem, por que tá chorando só terra dos índio? Se quer mudança, mudar terra seu mesmo. Povo meu, eu sou chefe dos Nambikwara, eu não tô mandando para meus povo pra ficar no meio de cidade. E o branco sempre manda peãozada prá terra dos índio. Acho que tá errado. Eu não tô manda pra pessoal meu, qualquer índio, por aí, "bom, pessoal meu, ocê arruma

pagagem seu, pode ir ficar lá no meio da cidade". Eu não faço isso. Eu não tô chorando terra dos branco. Eu conhece Nenem. Eu conhece tudo povo de Comodoro. Eu mora aqui. Eu não maltrata. E em vez de passar Seu Nenem presentinho pro índio, e passar aldeia e depois fazer jornal, eu não aceito, por que? Eu não tô mandando terra dos branco acabar terra. Vamo, Seu Nenem, eu não tô empurrando, por que empurrar pros índios? Cê tá errado mesmo. Assim eu não gosta mais não".

Com a paciência de um chefe indígena - que aconselha, escuta e interpreta a vontade do povo, mas nunca cai na armadilha do poder de mandar nos outros - Fuado inicia com essas palavras a sequência de recados que os Nambikwara querem mandar para os brancos, especialmente para os vizinhos próximos que estão de olho grande na reserva.

"No Comodoro dá de viver, no lugar dele ali, ocê não precisa de

cidade aí, não precisa de reclamação, "ah, Nambikwara tem mais, a terra, eu vou lá buscar", ah o quê! Ninguém reclamar você que você, seus família, ocê mora aí, ocê dá de viver ali, é aquela terra ali pro cê, ali. Lá ninguém reclamou. Ali só área indígena, naquele tempo não tinha nada de Nenem. Agora, "eu sou prefeito", prefeito, o índio não conhece prefeito, não conhece. Você dá de ali fazer um poço, assim, toma água lá ali, dá ali mesmo, você pode fazer à vontade seu, Seu Nenem. Bom, agora você tá fazendo o amigo das onça? Será que possível? Não podemos, é isso. Nem precisa pensar". (João Maxixe).

E não falta, no final, uma advertência: "Seu Nenem, cada hora você tá inventando uma coisa. Muito boatos, muita fofoca, muito mentiroso. Porque os índios mais bravos, Salumã, eles comem gente. Vai lá, vai lá na aldeia do Salumã, que não é brincadeira". (Orivaldo)

#### Seu Nenem: o amigo da onça

A lenda de Seu Nenem atrás desse tesouro escondido do Marechal Rondon (que muitos dizem ser velhos baús de comida, que o Marechal enterrou com medo de assaltos de índios famintos à despesa da tropa) é antiga; já uma vez houve um trato entre os Nambikwara e ele para procurar esse ouro da lenda. Na verdade, os índios queriam abrir uma estrada por dentro da área para dar numa outra aldeia chamada Camararé, e Seu Nenem andava atrás de um e de outro querendo entrar por aquele mesmo rumo pra caçar o tesouro. Combinaram então de deixá-lo entrar, para que visse que não existia nada de ouro e parasse de atormentar a paciência de quanto índio passasse pelo Comodoro, numa permuta - ele abriria a estrada e os índios iriam junto, permitindo-lhe escavar no ponto que queria. Foram, ele abriu a estrada, obviamente não encontrou nenhum ouro, deixou mal feito o arremate do serviço (uma ponte) e os índios pensaram que enfim poderiam respirar em paz. Mas que nada, Seu Nenem quer é entrar, de qualquer maneira, e sob qualquer pretexto; e, magoados, os Nambikwara lembram a ele o passado.

"Os índios Nambikwara queria usar aquela estrada; por esse tempo o senhor Nenem tava querendo vir e fazer invasão de comércio de entrar para abrir e descobrir esta entrada para nós procurar o ouro que tinha enterrado no tempo do general Rondon. Então o senhor Nenem tava querendo entrar e nós não deveremo ter jeito de mandar por outro rumo re

nós entremo com todo poder. E nós, os índios Nambikwara, protegeram ele para entrar, os índio deu essa liberação. E os índio deixaram para entrar e fazer esse trabalho concordamente, direto, sem falso, sem nada. Mas esse trabalho, em vez de fazer oportunidade, ele fez desoportunidade". (José Evelino Halotesu Nambikwara).

Índio tem ironia fina, tão fina que às vezes passa despercebida aos olhos grosseiros dos Durango Kid da volta. Há pouco tempo, Seu Nenem mandou uns rapazes de sua família procurar se havia madeira boa de corte num ponto que faz limite com a reserva, uma região de cerrado. Os rapazes se perderam, chovia muito, e alguns índios se prontificaram para procurá-los, a pedido do velho Nenem. Entre polícia, avião de resgate e muito movimento, os índios mostraram o rumo por onde os rapazes tinham entrado e em cuja direção de fato foram encontrados depois de alguns dias perdidos, com as bocas feridas por terem comido caju com a castanha, exaustos e famintos. Os índios foram largados de qualquer jeito no Comodoro, sem comida e sem carona pra voltar, e magoados com a desconfiança do pessoal que pediu sua ajuda e depois parecia estar com medo deles. Na hora das memórias, esse fato foi lembrado com uma certa dose de gozação: "Oê mandou as criançada seu, os seus neto, filho, oê mandou ir na madeira. Então, sumiram criançada seu. Tomara que oê não achasse, mas tem porção de índio que foi ali, foi atrás, oê desconfiou. O senhor é pão duro. Então, impossível, quando pessoa perde dentro da mata, ninguém vai matar, tem de conseguir pra achar, pra não sofrimento dentro do cerrado. Até o branco fica bobo também! Nenem mandou os neto, os filho, dentro do cerrado, eles perdeu. Como que eles não encontrar as onça!" (João Maxixe).

Capixaba, Seu Nenem tem estirpe: a do "pessoal de Linhares", de triste lembrança, cujo roteiro arrasador começa na própria terra natal, passa pelo sul da Bahia, depois vai acabar a devastação no Pará e em Rondônia. Pior que nuvem de gafanhoto, essa gente por onde passa não deixa um verde em pé; as árvores viram toras, depois carvão, depois soja ou arroz, depois pasto, depois deserto. Em menos de trinta anos, o processo já cumpriu todas estas etapas no sul da Bahia e agora seus diligentes e executores trabalham duro para dar conta da maior floresta do mundo; ca-

da vez com tecnologia que imprime maior velocidade e eficiência, e apoiados no mito heróico do pioneiro, portador do facho luminoso do desenvolvimento.

Contas a acertar

Mas não é só Seu Nenem, nem só a cidadezinha do Comodoro que ameaçam os Nambikwara e tentam tirar sua alegria de viver. Há sempre contas mal acertadas nessa guerra de extermínio que as fronteiras econômicas travam contra os povos nativos, e os Nambikwara lembram ~~um~~ episódio recente,

\_\_\_\_\_), mais uma dessas tragédias inconcebíveis que acontecem quase debaixo dos olhos de quem mora nas regiões do país onde a lei é a do mais esperto, do mais forte e de quem chega na frente. Em 1986, foi massacrado todo um grupo de Nambikwara ainda sem contato, na região de Corumbiara (RO), porque suas

terras estavam cobiçadas por madeireiras. Apesar de provas contundentes e vários testemunhos, a Funai arquivou o caso, desinterditando a área, e os crimes não foram punidos. Os índios, porém, não esqueceram.

"Mais uma coisa, Seu Nenem. Tem uma coisa do ano retrasado, é no Corumbiara; tem os índio, meus parente ali. Os fazendeiro ali, sem avisou na Funai, sem avisou os índio Nambikwara aqui na área, então vocês se esconderam ali, mataram os índios. Por que eles matar? Por que não avisa Funai? Por que não avisa nós? Então, se sem avisar, inimigo nosso, esse que tá matando ali, por que? Tem muitos crime. Nós podemos encontrar, eu quero encontrar, <sup>podemo encontrar em Comodoro mesmo</sup> que sem avisar nós acabou a nossa parentagem. Avisando esse, Seu Nenem".

"Todos nós Nambikwaras somos irmãos, nós tá falando de irmãos, quem resolve é nós, não eles. Quer dizer, quem resolve é nós, não eles, nem o funcionário, nem a Funai, que não resolve pra nós. O que nós resolve é nós, índios, que nós resolve". (Adalberto Nambikwara)

Cascavel aceita documento, papelada? Assim também, o índio não quer saber de enrolação, e Euado fala de sua vontade de escutar cada parente Nambikwara, de cada aldeia, e juntos tomarem as decisões que importam para a sua sobrevivência. "Quem resolve é eu mesmo, é nós índios mesmo, não é resolve pra Funai nem resolve governo não, porque não é dele. É, governo tem muita terra, né, eu vi, governo fala assim - terra é do Brasil, terra é do governo - mas tô esperando governo nunca veio aqui, nunca não sei porque passa aqui. Porque não é homem não. Porque eu sou homem, né, mas eu não tem medo pra ninguém, pra ninguém gente gente. Eu sei acontece, eu viver no mato; ocê tem muito documento, eu tem muito documento, tanto documento levou pra entregar o cascavel - ~~maisxxxxxxxxx?~~ - não aceita. Até marimbondo brabo, eu tenho documento, eu tem tudo, da terra. Entrega, bom. Pois passa? Aquela marimbondo mais brabo chama jacá, e cascavel, jararaca, não aceita documento da terra. Mesma coisa. E assim com mesmo eu costuma o índio bicho brabo. Eu não tô faz xingar pro Seu Nenem não, eu tô explicar. Tem muito tá querendo acabar fazendeiro terra dos índios. Por isso tô estudar. Vê como que nós vai fazer, estudar, estudar, ainda tô estudando

ainda. Qualquer dia eu vou pra outro minha parente chama lugar Buracão. O quê que ele tem na cabeça de lá? Qualquer hora eu vou passar Vale do Guaporé, o quê que gente quer? Eu vou combinar pessoa, o índio (com) o índio mesmo".

E, reunidos, os Nambikwara do campo responderam claramente às intenções de Seu Nenem ou de qualquer outro que queira barganhar com eles a terra.

"Com a lei dos índios está diretamente que não deixa entrar nem que tem ouro, nem que tem minéria, que não deveremos de entregar na mão de ninguém. Que nenhum do branco não pode entrar na terra do índio que já é decretada nem que tem ouro, nem que tem minéria, nem que tem madeira, nem que tem tanto futuro na vida dos branco. Não tô falando de um branco só, todo mundo que estão invadindo aquele área dos indígena". (José Evelino).

"O caso do branco - o branco tem casa, tem terra, mas outro gente que vai entrar terra dos outro, não é acha ruim não? Acha ruim, mesma coisa. Tem que pertença meu, passar outro pertença dele, acha ruim de mim. Até eu, até algum, eu, leva grileiro pro fundo da área, até eu apanha". (Fundo).

"Pode chorar, pode explodir, pode invadir todos os áreas, mas não vou aceitar. Porque eu não conhece ouro; pra que serve? Esse não foi feito de branco, foi nativo, natureza de índio. Nós tamos aqui dentro da terra que nós precisa de trabalhar, precisa plantar comida pra aumentar mais população. Porque nós não gostamos de fazer que muita fofoca, muito mentiroso, muito chorador de garimpeiros, muito chorador de terra, pra quê? Porque eu precisa também, quando eu posso dar pra vocês, eu fica sem onde voltar. Aonde que eu vou viver? Branco também tem terra lá na terra do Guaporé, tem criação, tem os animal, tem tudo lá, porque eu não posso tirar metade. Nem branco, nem estrangeiro, não tem vaga pra trabalhar, pra viver, porque eu não precisa de soja, de arrendamento, porque eu não vou fazer. Porque todos comunida de não quer". (Orivaldo)

"Eu não posso arrendar mais, dar mais de terra do índio. Aí não tem ouro, não tem diamante, não tem minéria! Tem muita gente que fala: ah, lá tem ouro, eu vou lá buscar. Hum. Não. Eu tenho de viver, nem que seja tem ouro, nem que seja diamante, eu não entrego". (João Maxixe).

P/ GRUPO CURARE,

Marcelina  
abril/88

A sistemática destruição ecológica que se pratica no Brasil hoje - e cujo exemplo mais gritante é o que vem ocorrendo com a floresta amazônica -, em nome de interesses do grande capital e sem nenhum tipo de retorno saudável para o povo brasileiro, não poupa nem sequer as áreas indígenas. Mesmo aquelas áreas que já foram demarcadas pelo governo, são invadidas e destruídas através de inúmeros artifícios, na maior parte das vezes com a conivência do próprio órgão tutor, a Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

Além do antigo sistema de pura e simples invasão das áreas usadas frequentemente por madeireiros e garimpeiros (peões de frente dos interesses de grandes empresas), utiliza-se também o recurso de arrendamento de área indígena para pastagem ou para grandes plantações mecanizadas, o que num pequeno intervalo de tempo significa para os índios a perda daquele território. Por sua vez, as comunidades indígenas na maior parte das vezes não conseguem nem ao menos receber o pagamento por tais arrendamentos, ou por qualquer outra exploração dos recursos naturais de suas áreas, já que tudo é controlado e arrecadado pela Funai - o chamado "patrimônio indígena" - e recolhido numa caixa central de onde é remanejado, e aí some da vista de seus legítimos donos. Por outro lado, quando os índios, pressionados pela falta de recursos da FUNAI para as tarefas mais básicas de assistência - como saúde, por exemplo -, resolvem negociar por conta própria seus recursos naturais, geralmente são vítimas fáceis das espertezas alheias e, sem assessoramento, perdem em pouco tempo os recursos primitivos, o pouco dinheiro que ganham com seu comércio, suas terras e não raras vezes a própria vida como grupo étnico, independente, diferenciado e autônomo.

Hoje em dia, a política da FUNAI é a de utilização dos recursos naturais das áreas indígenas para bancar sua tarefa de assistência e proteção. Isso por si só já seria ruim, mas ainda é pior quando surgem todas as dúvidas sobre a real utilização desse dinheiro arrecadado às custas do único bem que restou aos índios, ou seja, suas terras demarcadas.

Esta política da FUNAI combina bem com as necessidades das frentes de expansão - uma vez arrasadas todas as terras de Rondônia, por exemplo, sobra madeira apenas nas reservas indígenas. Pode-se dizer com segurança que as únicas áreas ainda protegidas, onde as águas não são poluídas e as matas não são derrubadas, são as áreas indígenas; nesse caso, o índio aparece como o guardião de nossa própria sobrevivência, protegendo as ilhas de verde que ainda impedem o ecossistema inteiro de falir.

E o que acontece quando o índio, seja da mata ou do cerrado, não quer vender sua madeira nem arrendar suas terras nem produzir excedente nem ver sua terra esburacada pela mineração? O que acontece quando ele quer permanecer subsistindo de suas roças tradicionais, de sua caça e de sua pesca, no pequeno território que o governo da Nação vencedora lhe demarcou co

mo reserva? O que acontece quando ele quer desacelerar o ritmo desse contato e precisa tempo para adaptar-se e para não desaparecer?

Não pode. Em nome da segurança nacional, em nome de um "desenvolvimento" que até hoje não enriqueceu em nada o povo brasileiro, em nome de um progresso que só faz avançar mais a miséria por todo o território nacional, o índio não pode permanecer índio. Tem que aprender a comer arroz com feijão, a escutar a Rádio Nacional da Amazônia, a beber pinga e pegar doença venérea, e a vender seu voto. Como qualquer brasileiro.

A defesa dos direitos dos índios (e não são um povo só; são, no Brasil, mais de 170 povos com línguas, costumes, leis e tradições diferentes das nossas e diferentes entre si) não é hoje apenas um dever básico de cidadania, na defesa do direito à diferença, direito dos povos vencidos que viviam primeiro neste território de permanecerem vivos e distintos, em última análise defesa do princípio básico da democracia; é, além disso, a defesa de nosso próprio futuro enquanto raça humana, já que as comunidades indígenas são talvez as únicas que ainda tentam preservar a natureza e vivem num tipo de interação com a terra que não passa pela depredação.

O caso dos Nambikwara do Campo, na fronteira de Mato Grosso com Rondônia, é apenas um, mas é exemplar, e é importante que sua luta contra as intenções dos "civilizados" de entrarem em suas áreas, seja para garimpar, seja para plantar, seja para tirar madeira, comece a ganhar aliados agora, quando as ameaças ainda não se concretizaram. É na pequena luta dos Nambikwara contra um pequeno inimigo numa pequena cidadezinha de fronteira no oeste do Mato Grosso, que está o resumo e o retrato da velha história atualíssima da espoliação dos povos indígenas e da destruição irracional dos recursos naturais do país.

Um abraço,

*Maravanesa*

Vanessa

P/ Grupo Curare

Grupo Curare

Rua Amianto 446 - Santa Tereza

Cep 31010 - Belo Horizonte

Minas Gerais - BRASIL

"Tupã yawé ara catu omehê peene" (Deus vos dê também tempos felizes)